

DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS: IMPrensa LONDRINENSE X CASOS DE CORRUPÇÃO¹

Cassiana Galves

RESUMO

Este estudo analisa nos veículos de mídia impressa de Londrina (PR) a forma diferente como a mídia trata os acontecimentos políticos de interesse público. Para tanto, são analisados os critérios de noticiabilidade - usados para selecionar as notícias, os acontecimentos que são divulgados pela imprensa com rapidez e aqueles que esta não publica, assim como a frequência de notícias sobre o caso Ama/Comurb do ex-prefeito Antonio Belinati e as denúncias de caixa dois do prefeito Nedson Micheleti.

PALAVRAS-CHAVE: *Antonio Belinati, Jornalismo, Londrina, Nedson Micheleti, política.*

INTRODUÇÃO

É impossível conceber o mundo moderno e a democracia sem a mídia. Por meio dela, parte dos acontecimentos eleitos como relevantes são levados ao conhecimento público e os cidadãos sentem-se informados. Pressupõe-se que uma vez informados, os cidadãos têm liberdade para tomar suas decisões. No entanto, nem sempre os fatos de interesse público são noticiados pelos veículos de comunicação.

Visamos buscar a compreensão de como a imprensa se comporta com relação a determinados assuntos, principalmente quando o assunto envolve atores presentes na notícia em questão e que estão mais ou menos próximos da postura política e ideológica do grupo que edita o jornal. Isso será feito por meio de uma comparação do tratamento dado pela imprensa londrinense às denúncias sobre as irregularidades no governo do ex-prefeito de Londrina (PR) Antonio Belinati referente ao caso Ama/Comurb (Autarquia do Meio Ambiente e Companhia de Urbanização), em 1999, e as denúncias de caixa dois durante a campanha para candidatura do prefeito Nedson Micheleti, que vieram à tona em 2005.

¹ Artigo apresentado ao curso de Comunicação Social-habilitação em Jornalismo da Faculdade Pitágoras de Londrina-PR, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Prof. Ms. Fábio Silveira (DEZ/2007).

Através de pesquisa realizada nos jornais Folha de Londrina e Jornal de Londrina, será confrontada a frequência de matérias que ambos apresentaram sobre o caso Ama/Comurb e a denúncia de caixa dois.

Para analisar o caso Ama/Comurb, tomamos por base os dados coletados no livro “Imprensa e política – o caso Belinati” no qual é feito um estudo sobre o comportamento dos jornais Folha de Londrina e Jornal de Londrina na cobertura jornalística do escândalo de corrupção envolvendo o ex-prefeito na década de 1990. Para analisar a denúncia de uso de caixa dois na campanha do prefeito Nedson à reeleição, pesquisamos todas as edições dos jornais Folha de Londrina e Jornal de Londrina no período de 29 de julho a 31 de agosto de 2005.

Esclareceremos, por meio de discussão bibliográfica, a relevância dos critérios usados no processo de seleção de notícias e os valores informativos – que, embora variem de autor para autor, podem ser considerados como objetividade, imparcialidade, verdade. Assim como também serão discutido os conceitos que permeiam o Jornalismo atual como o caráter de classe da imprensa e a notícia como mercadoria. Por meio destes, analisar a influência externa e interna que o jornalismo sofre e que, por consequência, pode resultar em manipulação da informação e distorção da realidade.

JORNALISMO

Jornalismo é comunicação. Por definição, é uma profissão que divulga os acontecimentos factuais, a informação do cotidiano. Assim, deve coletar e veicular tais informações através das mídias de imprensa como jornais, revistas, televisão, rádio, sites, assessorias e outros veículos.

Existe toda uma mistificação em torno do Jornalismo. A imprensa parece mágica e causa certo encantamento. “Eu li no jornal que...”, “passou na televisão, então está certo”, “na capa da revista estava...” - são citações comumente ouvidas entre os consensos fáceis como prova da veracidade do assunto.

Um dos principais “mandamentos” do Jornalismo baseia-se na imparcialidade com que os jornalistas e as empresas às quais estes estão subordinados devem tratar os acontecimentos e transmiti-los. Este vem seguido de outros mandamentos como a

veracidade da informação, a apuração de fatos, a objetividade e os critérios para a seleção e notícias.

Ao comprometer-se com o interesse público, o Jornalismo deve ser fiel à notícia, à informação. O discurso da imparcialidade tem como princípio o não envolvimento pessoal e a transmissão dos fatos sem tender a lado algum. Porém, a imparcialidade fica somente na teoria, já que só a escolha de determinado assunto já exclui outro fazendo com que o jornalista interfira e decida o que é mais importante para ser divulgado. Para Michael Kunczik “a seleção de notícias equivale a restringir o volume de informações, o que significa a seleção de assuntos que alguém acha que merecem ser publicadas [...] cada decisão de publicar uma matéria implica também a ‘supressão’ de outra matéria ou outras matérias”².

Já que a imparcialidade total e absoluta é impossível, deve-se ao menos ser honesto com o interesse público, sem desvios ou omissão. Se as notícias são consideradas informação, “o papel do jornalista é definido como o observador que relata com honestidade e equilíbrio o que acontece, cauteloso em não emitir opiniões pessoais”³, diz Nelson Traquina.

O maior e mais acessível meio de informação disponível à população é a imprensa. Sendo assim, a responsabilidade desta é imensa, haja vista sua capacidade de construir verdades, formar opinião e, se quiser, alterar a realidade conforme lhe convir. Segundo Traquina, se a sociedade dá crédito aos jornalistas, o faz por acreditar que estes são apenas mediadores entre o acontecimento e a divulgação deste; quer dizer, como habilitados para reproduzir a realidade⁴. O autor afirma que “a constituição de um acontecimento, ou de uma questão em notícia, significa dar existência pública a esse acontecimento ou a essa questão, de constituí-los como recursos de discussão”⁵.

Imprescindível para que se noticie um fato é que ele seja verdadeiro. Seja por ética, seja por caráter, a imprensa tem obrigação de não informar mentiras, e respeitar a verdade e a informação verídica pois, sem essas, o jornal perde a credibilidade e, por conseguinte, perde também os seus leitores e anunciantes – seu meio de crescer

² KUNCZIK, 2002, p. 237.

³ TRAQUINA, 2001, p. 66.

⁴ TRAQUINA, 2001, p. 68.

⁵ TRAQUINA, 2001, p.100.

comercialmente e sobreviver economicamente. Já que um de seus papéis é formar opinião, não há como ser diferente. De acordo com Ignácio Ramonet “o receptor não possui critérios de avaliação, pois, como não tem experiência concreta do acontecimento, só pode orientar-se confrontando os diferentes meios de comunicação uns com os outros”⁶.

Ainda nas palavras de Ramonet:

Se, a propósito de um acontecimento, a imprensa, a rádio e a televisão dizem que alguma coisa é verdadeira, será estabelecido que aquilo é verdadeiro. Mesmo que seja falso. Porque a partir de agora é verdadeiro o que o conjunto da mídia acredita como tal.

Ora, o único meio de que dispõe um cidadão para verificar se uma informação é verdadeira é confrontar os discursos dos diferentes meios de comunicação. Então, se todos afirmam a mesma coisa, não resta mais do que admitir esse discurso único...⁷.

A apuração dos fatos faz parte da apresentação da verdade. Sem que esta seja realizada corretamente, corre-se o risco de noticiar acontecimentos falsos. O conceito de verdade é muito amplo, no entanto, se for aceito como algo relativo, ouvir todos os lados da história é de extrema relevância.

Segundo Traquina, as notícias são o resultado da interação entre os jornalistas com as fontes de informação e com a sociedade, assim como também a interação com os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização “[...] um processo de produção, definido como percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (principalmente os acontecimentos) num produto (as notícias)”⁸.

OBJETIVIDADE

Os leitores, ao se informarem por meio do jornal, por exemplo, acreditam ter contato com a realidade. Kunczik conceitua que “[...] o jornalismo ‘objetivo’ significa a

⁶ RAMONET, 1999, p.62.

⁶ RAMONET, 1999, p.45.

⁸ TRAQUINA, 2001, p. 85 - 94.

busca do equilíbrio”⁹. Se o Jornalismo pretende ser mediador entre os acontecimentos e o público, deve estabelecer relação de fidelidade ao acontecimento. Para tanto, o discurso precisa dar conta do acontecimento, ou seja, precisa ser objetivo. Diante desse complexo, o Jornalismo é capaz de possuir essa objetividade? Koschwitz, citado por Kunczik, esclarece que:

[...] a objetividade de uma afirmação é o grau de identidade entre o fato e a sua descrição mediante a informação. Nesse sentido, a objetividade jornalística está ligada a qualidade de um produto jornalístico. [...] Já a ‘imparcialidade’ ou o equilíbrio que se exigem da reportagem se relacionam com o conteúdo global de um veículo de comunicação, com os interesses existentes numa sociedade que dentro desse veículo compete com algum outro em torno da opinião pública¹⁰.

Na literatura, o conceito de objetividade diz respeito à relação que existe entre as declarações jornalísticas e a realidade. No entanto, sobre os conceitos jornalísticos de objetividade, estudiosos e jornais possuem uma definição própria. Não há como definir, pois este conceito envolve outros conceitos como o que é realidade, o que é verdade, o fato... Há uma irregularidade entre a teoria da objetividade e sua prática dentro do Jornalismo. Para Kunczik:

Por trás da noção de que é possível uma reportagem objetiva está a idéia de que a informação pode ser apresentada de tal maneira que seus receptores sejam capazes de formar suas próprias opiniões. A reportagem objetiva é entendida como desapaixonada, sem preconceitos, imparcial, isenta de sentimentalismo e conforme a realidade¹¹.

No texto de Kunczik, o autor cita Saxer para apresentar a existência de quatro pontos de vista essenciais para debater a possibilidade ou não da objetividade no Jornalismo: 1) que a objetividade “só se sustenta de um ponto de vista não-científico”, 2) que esta é “uma norma ocupacional basicamente praticável e como requisito prévio da comunicação”, 3) que “reconhece-se em princípio a conveniência da objetividade

⁹ KUNCZIK, 2002, p. 262.

¹⁰ Apud KUNCZIK, 2002, p. 223 - 224.

¹¹ KUNCZIK, 2002, p. 227.

editorial, mas discute-se a sua possibilidade [...] exige -se a equidade ou a expressão de uma variedade de opiniões” e, por fim, 4) que “qualquer órgão editorial poderia ser acusado de falta de objetividade ou de ser incapaz de reconhecer a verdade e transmiti-la apropriadamente”¹².

Embora o discurso sobre o que é Jornalismo e a que se refere o exercício dessa profissão seja confiante, veremos que, na prática, o Jornalismo move-se em torno de interesses próprios, desvinculando-se de ideais ou mandamentos teóricos. A indústria jornalística atual, na desculpa de veicular mensagens objetivas, acaba transformando as notícias em textos simplórios e seus leitores, em consumidores acomodados com a informação escassa que lhes é transmitida. Sobre isso Castro observa:

Os jornalistas são ao mesmo tempo vítimas e acusados de serem os instrumentos privilegiados da ação do pragmatismo e ilusionismo democrático. [...] Mas ao falarmos em jornalistas, referimo-nos às instituições do jornalismo mais do que a indivíduos, porque não existem sujeitos que sejam apenas jornalistas. [...] O jornalismo oferece, portanto, informações ditas objetivas e claras para serem consumidas por leitores obedientes, resignados, submissos, semimortos. [...] A facilidade e a simplificação são também instrumentos de outra evidência inculcada no imaginário dos participantes desse processo de produção e recepção de informações industrializadas: a democracia do acesso à informação. Que ilusão!¹³

Visto que, na teoria, o Jornalismo é imparcial, na prática, o que vemos vencer é a submissão das empresas jornalísticas. A manipulação da imprensa pode ocorrer de várias formas e motivos mais inúmeros ainda. São partidos políticos que obrigam a veiculação ou não de determinadas informações. Anunciantes do jornal que vetam matérias que contrariam seu próprio interesse. Sobre isso, Kunczik declara que “não só aceitam ou rejeitam, como as que são aceitas são processadas e, dessa forma, modificadas [...]”¹⁴.

Sendo assim, os veículos de comunicação – independente de ser rádio, jornal impresso ou televisão – usam de técnicas como a da distorção de fatos, a realidade parcial, a omissão, a superexposição e infinitos outros recursos. Basta estar consciente

¹² Apud KUNCZIK, 2002, p. 228 - 229.

¹³ CASTRO, 2005, p. 86 seq.

¹⁴ KUNCZIK, 2002, p. 237.

de que, só o fato de determinado assunto ter sido escolhido, já existe a parcialidade, pois algo ficou de fora para que esse aparecesse e, provavelmente, com algum propósito.

MANIPULAÇÃO E CARÁTER DE CLASSE DA IMPRENSA

Na obra *O Capital da Notícia* (1986) , Ciro Marcondes Filho procura mostrar a índole da notícia e o caráter de classe da imprensa por meio de um painel de teorias que tornem inteligíveis o caráter político, econômico e ideológico dentro da nossa sociedade de classes. Segundo o autor, para entender a comunicação, é necessário um elo entre os mecanismos que envolvem meios, ideologias, usos políticos e mobilização de massas entre os quais o Jornalismo se encontra.

Deste modo, o debate sobre o Jornalismo acontece a partir da notícia submetida à perspectiva da economia política. “O jornalismo, via de regra, atua junto com grandes forças econômicas e sociais: um conglomerado jornalístico raramente fala sozinho”¹⁵ , explica Ciro Marcondes.

Vimos que várias são as formas de manipulação da informação. Distorcer ou fragmentar a realidade, não noticiar um fato, dar ênfase excessiva em outro. Também o uso do discurso, da linguagem. A posição da notícia dentro do jornal, o uso do sensacionalismo... Além destes, existem os fatores externos como a pressão de um anunciante, os acordos políticos.

Portanto, o jornalista é submetido também à organização editorial, ao balanço econômico, à publicidade. Traquina afirma que:

[...] o trabalho jornalístico é influenciado pelos meios de que a organização dispõe [...] O jornalismo é também um negócio. Todas as empresas jornalísticas, com a exceção das empresas públicas, enfrentam mais tarde ou mais cedo a tirania do balanço econômico final [...] Devido aos custos e à lógica do lucro, são impostos constrangimentos ao trabalho jornalístico pelo orçamento da empresa¹⁶.

¹⁵ MARCONDES, 1986, p. 11.

¹⁶ TRAQUINA, 2001, p. 78 – 79.

Sem os critérios de veracidade da informação, da apuração de fatos, da objetividade, dentre outros, o Jornalismo pode fabricar realidades. Se acima vimos que o que é veiculado na mídia é considerado, na maioria das vezes, como verdade, a imprensa tem nas suas mãos a capacidade de construir a realidade, noticiando ou não uma matéria ou alterando seu conteúdo. “Nas linhas que seguem, o termo ‘realidade dos meios de comunicação’ significará a imagem do mundo criada na cabeça dos receptores como resultado dos critérios de seleção de notícias dos jornalistas”¹⁷, diz Kunczik.

Embora seja difícil definir exatamente o que é notícia, ela se apresenta como um acontecimento de interesse público. No entanto, o Jornalismo aspira tornar hábil o jornalista a separar o que é ou não noticiável. A produção jornalística dentro dos critérios usados para selecionar as notícias pode ser entendida por meio da rotina profissional jornalística. Quer dizer, como se dá a seleção de acontecimentos a serem noticiados, a edição destas notícias. Traquina afirma que:

[...] os jornalistas não são simples observadores passivos, mas participantes ativos na construção da realidade [...] Enquanto o acontecimento cria a notícia (porque as notícias estão centradas no referente), a notícia também cria o acontecimento (porque é um produto elaborado que não pode deixar de refletir diversos aspectos do próprio processo de produção)¹⁸.

MERCADORIA

A mercadoria possui características específicas principalmente quando se refere às formas de valor. Segundo Karl Marx: “a riqueza das sociedades onde rege a produção capitalista configura-se em ‘imensa acumulação de mercadoria’, e a mercadoria, isoladamente considerada, é a forma elementar dessa riqueza”¹⁹.

A imprensa tornou-se capitalista visto que a notícia pode ser comparada à mera mercadoria. Para Ramonet, as notícias são formas de mercadoria. Nas palavras deste:

¹⁷ KUNCZIK, 2002, p. 250.

¹⁸ TRAQUINA, 2001, p. 122.

¹⁹ MARX, 2001, p. 57.

A informação se tornou de verdade e antes de tudo uma mercadoria [...] O sistema informacional começa a considerar, pouco a pouco, que há valores importantes (instantaneidade, massificação) e valores menos importantes, isto é, menos rentáveis (os critérios de verdade). A informação tornou-se uma mercadoria. Ela tem cada vez menos uma função cívica²⁰.

Ciro Marcondes Filho também transporta o conceito de Marx – mercadoria - para a comunicação. Para o autor, a informação é transformada em notícia e esta, em mercadoria “[...] para isso, a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas da generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo”²¹.

Ainda conforme Ciro Marcondes, que analisa a notícia sob a ótica do valor de uso e valor de troca:

Da mesma forma que uma roupa, um alimento, um objeto de uso pessoal, também o jornal é produzido para a venda. Uma informação pura e simples não é mercadoria. Para tanto é preciso que ela seja transformada em notícia. [...] O jornal, então, cria, a partir da matéria prima informação, a mercadoria notícia, expondo-a à venda (por meio da manchete) de forma atraente. Sem esses artifícios a mercadoria não vende, seu valor de troca não se realiza²².

Imprensa é poder. Haja vista poder criar a realidade, dizer o que é a verdade, distinguir o que é ou não notícia e, por conseguinte, transformá-la em mercadoria. Essa idéia é reforçada nas palavras de Ramonet:

Há um século, o conflito entre imprensa e o poder é uma questão da atualidade, mas toma uma dimensão inédita hoje, porque o poder não é mais identificado só ao poder político (o qual, além disso, vê suas prerrogativas roídas pela ascensão do poder econômico e financeiro) e porque a imprensa, os meios de comunicação de massas não se encontram mais, automaticamente, em relação de dependência com o poder político; o inverso é quase sempre o caso. Pode-se até mesmo dizer que o poder está menos na ação do que na comunicação²³.

²⁰ RAMONET, 1999, p.60 – 74.

²¹ MARCONDES, 1986, p. 13.

²² MARCONDES, 1986, p. 25.

²³ RAMONET, 1999, p.39.

O jornalista forma a opinião pública. Informa ou não sobre um acontecimento “[...] o mundo social e político não é uma realidade predeterminada e dura que os jornalistas refletem, e os jornalistas não são observadores passivos, mas participantes ativos na construção da realidade”²⁴, evidencia Traquina.

SELEÇÃO DAS NOTÍCIAS

Entretanto, selecionar é muito mais que separar assuntos. Esta ação denota também a priorização de acontecimentos em prejuízo de outros. O acontecimento considerado noticiável deve ainda ser ligado à importância social. Embora existam os manuais de redação para orientar o jornalista a como escolher e inserir as notícias, na prática, quem decide o que é notícia é o jornalista. Kunczik esclarece:

[...] os supostos critérios, como ‘valor informativo muito baixo’ ou ‘de muito pouco interesse’, determinam em grande parte o comportamento dos seletores de notícias. As supostas noções e valores do público são empregadas para dar explicação racional do comportamento seletivo de alguém²⁵.

Discutir a forma como as notícias são selecionadas é discutir o valor informativo que lhes são atribuídos. Kunczik acrescenta que “os valores informativos nada mais são que as suposições intuitivas com referência a aquilo que interessa a um público determinado, àquilo que chama a sua atenção”²⁶.

Contíguo à seleção de notícias, Traquina apresenta a relevância do *gatekeeper*:

O processo de produção de notícias é concebido como uma série de escolhas, onde um fluxo de notícias tem de passar por diversos ‘portões’ (os famosos ‘*gates*’), que são momentos de decisão em relação aos quais o ‘*gatekeeper*’ (o jornalista) tem de decidir se vai escolher ou não essa notícia, deixá-la passar ou não [...] o processo de seleção é subjetivo e arbitrário [...] as notícias são explicadas como um produto das pessoas e das suas intenções²⁷.

²⁴ TRAQUINA, 2001, p.63.

²⁵ KUNCZIK, 2002, p. 239.

²⁶ KUNCZIK, 2002, p. 243.

²⁷ Apud TRAQUINA, 2001, p. 54 – 69.

Ainda sobre o *gatekeeper*, uma teoria que apresenta a seleção de fatos como uma ação pessoal, o autor acrescenta:

[...] o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates*, isto é, 'portões', que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é, o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não²⁸.

DENÚNCIA DE CAIXA 2 VERSUS CASO AMA/COMURB

Em 1999 o ex-prefeito de Londrina (PR) Antonio Belinati (PP) foi acusado de irregularidades na sua administração. Em 2005, a gestão do então prefeito, Nedson Micheleti (PT) também foi alvo de denúncias. Pretendemos discutir o comportamento da imprensa diante dos dois episódios e os critérios usados para definir a seleção de notícias dos fatos e, também, o Jornalismo dentro de uma sociedade de classes com procedimentos diferentes referentes a assuntos semelhantes.

Lembramos que este trabalho não pretende analisar as investigações de denúncias e, muito menos, posicionar-se contra ou em favor de um ou outro prefeito. Visamos comparar a forma como os periódicos Folha de Londrina e Jornal de Londrina cobriram as denúncias de irregularidades nas administrações dos dois prefeitos.

Belinati é o personagem principal da denúncia de um esquema de corrupção na Prefeitura de Londrina entre 1998 e 2000. "O chamado 'esquema Ama/Comurb' (ou caso Ama/Comurb, como a imprensa de Londrina trata o assunto), foi o pivô do processo que resultou na cassação de Antonio Belinati"²⁹, informa Silveira. O caso refere-se a licitações fraudulentas da Autarquia do Meio Ambiente (Ama) e da Companhia de Urbanização (Comurb) desviando milhões de reais da Prefeitura de Londrina que, segundo o Ministério Público, foram usadas para pagar a campanha eleitoral do filho de Belinati³⁰. De acordo com Silveira:

²⁸ TRAQUINA, 2001, p.69.

²⁹ SILVEIRA, 2004, p. 27.

³⁰ SILVEIRA, 2004, p. 27.

As investigações sobre o esquema de corrupção montado nas duas autarquias (Ama e Comurb) começaram na segunda quinzena de fevereiro de 1999, graças a uma denúncia feita pela então vereadora Elza Correia (PMDB), que desconfiava do superfaturamento num contrato de roçagem do mato, feito pela Ama (Autarquia Municipal do Ambiente)³¹.

Segundo a pesquisa de Fábio Silveira (2004), em sua dissertação de mestrado pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) *Imprensa e Política: O caso Belinati*, a imprensa se apresentou tímida diante das notícias a respeito da denúncia inicial envolvendo o ex-prefeito Belinati. As investigações sobre o caso começaram no início de fevereiro de 1999, porém, a primeira vez que foi noticiada por um dos veículos impresso de Londrina foi em 11 de março, quase um mês depois.

O Jornal de Londrina publicou matéria “assinada pela jornalista Vera Barão, sob o título: ‘Serviço de roçagem: Promotor apura superfaturamento na Ama’. A denúncia foi feita ao Ministério Público 15 dias antes, pela vereadora Elza Correa”³². Conforme Silveira:

O primeiro momento é de cautela e silenciamento. A imprensa começa a noticiar as informações sobre as investigações, mas quando as investigações chegam perto do prefeito, há um constrangedor silêncio da maioria dos veículos de comunicação, que não só deixam de noticiar, como amenizam a situação do prefeito ao noticiar as investigações. Outro método usado pela imprensa nesse momento, foi ‘fingir’ que estava noticiando o caso, ‘escondendo’ as informações sobre corrupção em páginas pares, dando pouco destaque ao caso³³.

Ainda de acordo com Fábio Silveira, em 17 de abril de 1999, a Folha de Londrina noticiou “Galatti apura irregularidades em contratos” na chamada de capa, pois, o Jornal de Londrina havia exposto o assunto em manchete. Segundo o autor, “O Jornal de Londrina, ao seu estilo, volta e meia dá uma manchete sobre o caso. A Folha de Londrina, evita manchetes e chamadas de capa”³⁴.

Por sua vez, Nedson Micheleti foi acusado por Soraya Garcia, ex-assessora financeira de sua campanha à reeleição no pleito de outubro de 2004, de fazer uso de

³¹ SILVEIRA, 2004, p. 20.

³² SILVEIRA, 2004, p. 151.

³³ SILVEIRA, 2004, p. 146 – 147.

³⁴ SILVEIRA, 2004, p. 155.

caixa dois e outras irregularidades. Soraya relatava ter ouvido dizer, mas não apresentava qualquer documento. Os mandados de busca e apreensão nas casas do, na época, Secretário de Gestão Pública - Jacks Dias, do tesoureiro do PT - Francisco Moreno, e do diretor administrativo-financeiro da Companhia Municipal de Trânsito e Urbanização (CMTU) - Augusto Erméio Dias Júnior, aconteceram no dia 28 de julho de 2005.

No dia seguinte, dia 29, a Folha de Londrina noticia pela primeira vez as acusações sobre o prefeito Nedson Micheleti, com o título “Ex-assessora denuncia caixa 2 de Nedson” e linha fina “Justiça Eleitoral expediu ontem quatro mandados de busca e apreensão nas residências de petistas mas nada foi encontrado”³⁵. Ainda na mesma edição, outra matéria: “Ex-assessora diz que PT gastou R\$ 6,5 milhões” e, linha fina, “Em entrevista, Soraya Garcia admite que não tem provas das denúncias e que queria um cargo na Sercomtel”³⁶.

No Jornal de Londrina, a primeira matéria também saiu no dia 29 de julho. A manchete continha fotos e dizia: “Denúncia de caixa 2 atinge PT de Londrina; Nedson nega”³⁷. Na mesma edição as matérias ocuparam duas páginas inteiras. Acima da linha de dobra, parte de maior destaque do jornal, o título da matéria noticiava: “MP investiga suposto caixa dois de R\$ 6,5 milhões do PT em Londrina”³⁸. Na outra página e também acima da linha de dobra, “Eu sou o caixa 2 do PT de Londrina”³⁹, intitulava a matéria com a afirmação da ex-assessora Soraya Garcia.

COMPARAÇÃO

Sobre o caso Ama/Comurb, o Jornal de Londrina noticiou de 11 a 13 de março de 1999. Foram três dias seguidos de matérias abrindo as páginas do jornal⁴⁰. No entanto, a Folha de Londrina demorou a noticiar. Sem manchete ou abre de página, as

³⁵ Folha de Londrina, 29/07/2005, p. 4.

³⁶ Folha de Londrina, 29/07/2005, p. 4.

³⁷ Jornal de Londrina, 29/07/2005, 1ª pág.

³⁸ Jornal de Londrina, 29/07/2005, p. 3.

³⁹ Jornal de Londrina, 29/07/2005, p. 4.

⁴⁰ SILVEIRA, 2004, p. 151.

reportagens estavam “escondidas” dentro do jornal, que só apresentou matérias sobre o caso 5 dias depois, no dia 16 de março. Consoante às pesquisas de Silveira:

Nas páginas da Folha de Londrina, as investigações sobre as suspeitas de irregularidades chegam cinco dias depois, em 16 de março. E ainda chegam disfarçadas. Sem chamada na capa – o JL deu manchete no dia 11 de março -, a reportagem está escondida numa página par (página 2) do Caderno Folha de Londrina, na parte inferior da página. O título: ‘Superfaturamento: Ama está sendo alvo de investigações’. Abaixo do título, uma linha fina tenta completar a informação: ‘MP e prefeitura apuram suspeitas de irregularidades em serviços prestados por empresa terceirizada pela Autarquia’. A matéria não tem destaque, não aparece com foto e obriga o leitor a fazer um exercício para descobrir a ‘notícia’ que a Folha finge que está mostrando, mas tenta esconder [...] ⁴¹.

A primeira manchete da Folha de Londrina sobre o escândalo envolvendo o ex-prefeito Belinati só foi dada em outubro de 1999, ou seja, oito meses depois do início das investigações. Já as denúncias de caixa dois durante o segundo mandato do prefeito Nedson Micheleti saíram no dia seguinte no Jornal de Londrina e na Folha de Londrina. No caso de denúncias de irregularidades do ex-prefeito Antonio Belinati, a Folha de Londrina só foi noticiar cinco dias depois, em 16 de março. Referente a isso, Silveira constata:

No dia seguinte, 17 de março, o assunto já tinha sumido das páginas da Folha de Londrina, voltando apenas em 24 de março, numa reportagem na qual o então presidente da Ama, Mauro Maggi, nega a existência de irregularidades no contrato da roçagem [...] No dia 24 de março, o assunto volta às páginas do Jornal de Londrina, numa reportagem na qual o veículo informa que os promotores receberam mais documentos a respeito do caso ⁴².

Já sobre a denúncia de caixa dois de Nedson Micheleti, saíram matérias na Folha de Londrina do dia 29 de julho até 1º de agosto sendo que, destes, 29 e 30 de julho e 1º de agosto foram manchetes. O assunto volta às páginas da Folha do dia 3 a 13 de agosto e, neste período, por dois dias foram manchetes e dois chamadas de capa.

⁴¹ SILVEIRA, 2004, p.152.

⁴² SILVEIRA, 2004, p.153 – 154.

Nos dias 14, 15 e 16, não houve matérias. No dia 17, volta a ser manchete: “Depoimentos reforçam ‘caixa 2’”⁴³. A partir de então, o assunto não tem mais tanta frequência, aparece nos dias 21 e 23 e depois só no dia 30 com mais uma manchete: “Soraya faz novas denúncias contra PT”⁴⁴ e, fechando o mês sem manchete nem chamada de capa, mas com matéria na página 3, sem foto e abaixo da linha da dobra “Justiça aceita novo inquérito contra PT”.

No Jornal de Londrina, a cobertura foi ainda mais intensa. A denúncia de caixa 2 no governo Nedson Micheleti foi manchete do dia 29 julho a 8 de agosto. E o JL continuou a noticiar sem pausa. Nos dias 9 e 10 de agosto, embora não tenha saído como manchete, o assunto foi chamada de capa e, no dia 11, já volta a ser manchete novamente: “Depoimento de Soraya cita ajuda do PT a 9 vereadores”⁴⁵.

Dia 12 Nedson Micheleti ainda está na capa como chamada. Nos dias 13 e 14 há uma pausa, não saíram nem manchetes, nem matérias no meio do jornal. No dia 15 não houve edição e o assunto volta a ser chamada de capa no dia 16 e manchete no dia 17: “Testemunhas afirmam acusações de Soraya”⁴⁶. A partir de então, a denúncia de caixa do prefeito Nedson só volta à capa na manchete do dia 26, que dizia “Acareação vai reunir Soraya e testemunhas”⁴⁷.

No dia 28 não há matérias sobre o assunto e, no dia 29 não há edição do jornal. O mês termina com a seguinte manchete no dia 30: “MP quer novo inquérito para investigar caixa oficial do PT”⁴⁸ e chamada de capa “Juiz autoriza investigação em contas oficiais do PT”⁴⁹, no dia 31 de agosto.

Vimos que a cobertura sobre as denúncias de caixa dois do prefeito Nedson Micheleti foi quase que diária. Mesmo a Folha de Londrina, que não noticiou o caso tanto quanto o Jornal de Londrina, o fez muito mais que no caso Ama/Comurb do ex-prefeito Antonio Belinati. Silveira coloca em causa:

⁴³ Folha de Londrina, 17/08/2005, 1ª pág.

⁴⁴ Folha de Londrina, 30/08/2005, 1ª pág.

⁴⁵ Jornal de Londrina, 11/08/2005, 1ª pág.

⁴⁶ Jornal de Londrina, 17/08/2005, 1ª pág.

⁴⁷ Jornal de Londrina, 26/08/2005, 1ª pág.

⁴⁸ Jornal de Londrina, 30/08/2005, 1ª pág.

⁴⁹ Jornal de Londrina, 31/08/2005, 1ª pág.

[...] os fatos novos que começam a vir a tona através das investigações do Ministério Público, passam a incomodar o grupo que estava à frente da Prefeitura de Londrina. Quanto mais incomodado ficava o grupo que controlava a prefeitura, maior o controle sobre o que saía na imprensa.

Mesmo assim, o JL ainda conseguia dar manchetes sobre o caso 'Promotoria Criminal investiga Ama', estampa a manchete do jornal no dia 15 de maio. [...] o assunto volta a assumir a pauta do Jornal de Londrina, voltando timidamente às páginas do JL um mês depois, em 16 e 17 de junho, mas de forma tímida, sem manchete e sem abrir uma página do jornal. [...] Na Folha de Londrina o caso ainda não ganha as manchetes e continua aparecendo, mas 'escondido' em páginas de menor destaque e quase sempre na parte inferior da página.⁵⁰

A partir de critérios escolhidos pelos jornalistas ou pelas próprias empresas jornalísticas são realizados os processos de seleção, redação e edição das notícias. Fazer a seleção é determinar que um acontecimento seja mais relevante que outro e, para tanto, observar os valores informativos. Kunczik menciona que os valores informativos são "clareza do fato, seu elemento de surpresa, sua proximidade geográfica, seu impacto e conflito pessoal"⁵¹.

Como vimos anteriormente, a atividade jornalística busca noticiar os acontecimentos factuais, pois, conforme Traquina "a notícia, que é um produto perecível, deve chegar o mais rapidamente possível para ser utilizada"⁵² – ou seja, quanto antes for publicada, melhor. No entanto, embora tal imediatismo possua tanto valor, as denúncias de irregularidades no governo do ex-prefeito Antonio Belinati demoraram a serem publicadas. Diferentemente das denúncias de caixa dois na gestão de Nedson Micheleti, que foram publicadas no dia seguinte. Segundo Ramonet, "uma das razões que levam a mídia a cometer tantos erros e a deixar-se seduzir pela mentira está na contradição permanente entre o tempo midiático e o tempo político"⁵³.

O caso Ama/Comurb e as denúncias de caixa dois são acontecimentos políticos que se enquadram dentro dos critérios de seleção de notícias e valores informativos defendidos pelo Jornalismo - já que ambos são acontecimentos de interesse público, principalmente à população local. Porém, foram explorados pela mídia de maneira

⁵⁰ SILVEIRA, 2004, p.155 - 156.

⁵¹ KUNCZIK, 2002, p.242.

⁵² TRAQUINA, 2002, p. 79.

⁵³ RAMONET, 1999, p.71-72.

diferente. A imprensa acertou no tratamento dado às denúncias de caixa dois, respeitou as regras do Jornalismo, mas errou anteriormente ao não dar o mesmo tratamento ao caso Ama/Comurb.

Em matéria publicada na revista *Carta Capital*, o jornalista Giancarlo Summa, afirma:

As ações da mídia têm sempre implicações políticas e, muitas vezes, interesses que vão bem além – ou contra – dos preceitos básicos do que se costuma definir como bom jornalismo: a preocupação com a veracidade e exatidão dos fatos, o equilíbrio, o dever de ouvir todos os lados envolvidos [...] cria-se a capacidade de gerar opinião, determinar a agenda política e moldar a imagem pública dos governantes, dos partidos políticos e das instituições.⁵⁴

Se os dois casos mereciam a mesma importância, por que a imprensa os tratou diferente? Para Ciro Marcondes, existem casos na história que comprovam que a imprensa funciona conforme a formação social e não independentemente desta sendo que, nos períodos de crise política, a imprensa é manipulada e instrumentalizada⁵⁵. O autor apresenta ainda que as notícias assumem hoje um formato ditado por uma sociedade de classes, cujo Jornalismo é feito dentro das regras do modo de produção capitalista, influenciado pelo domínio econômico e político. Ciro Marcondes afirma:

[...] na mão do editor está a definição política de como o fato deverá repercutir na sociedade, de como de um acontecimento pequeno fazer um escândalo, de como suprimir naturalmente a divulgação de ocorrência, como se elas simplesmente não tivessem realmente existido. O editor aumenta, reduz, suprime fatos; ele é o tradutor e ‘transformador’ da realidade social em termos que interessam à sua empresa e às convicções políticas e ideológicas que defende. Nas suas mãos está depositada a tarefa de trabalhar a opinião pública e procurar moldá-la segundo essas intenções.⁵⁶

O ex-prefeito Antonio Belinati pertencia, na época, ao Partido Progressista, já o atual prefeito Nedson Micheleti ao Partido dos Trabalhadores. Enquanto aquele diz falar em nome do povo, Nedson Micheleti tem legenda de um partido de orientação social

⁵⁴ CARTA CAPITAL, 6 de junho de 2007, p. 24-25.

⁵⁵ MARCONDES, 1986, p. 137.

⁵⁶ MARCONDES, 1986, p. 50.

democrata, embora tenha aderido ao sistema neoliberal atualmente hegemônico, em detrimento do discurso socialista que o partido tinha em seu início – como mostra a *Carta ao Povo Brasileiro* (ver anexo A) apresentada pelo PT na campanha de 2002, na qual garantia o “cumprimento dos contratos” e a adesão ao programa econômico hegemônico, de orientação liberal.

Sobre esse comportamento do PT atual, Bernardo Kucisnki afirma no artigo *O antilulismo na campanha de 2006 e suas raízes* que “na campanha de 2002, o próprio Lula priorizou a questão midiática, atraindo para seu campo os quadros mais experientes do marketing político que até então só serviam à burguesia”⁵⁷. Contudo, embora o PT não aja mais de acordo com seu regimento original - mas sim guiado pela postura liberal, ainda é visto com antipatia pela classe dominante e por grande parte dos jornalistas como afirma Kucisnki:

Na campanha de 2006, a maioria esmagadora dos jornalistas – dos veteranos ao mais novo foga de redação – aderiu espontaneamente ao antilulismo e seu correlato antipetismo. Um fenômeno coletivo, de natureza comportamental, não apenas ideológico ou político [...] As sementes do antilulismo foram plantadas ainda na primavera da nossa abertura política, em 1989, quando aconteceu a primeira eleição direta para presidente depois da ditadura. Os barões da mídia armaram incidentes sucessivos para desgastar Lula.⁵⁸

É neste caráter de classe da imprensa que entendemos estar uma das explicações para a diferença de tratamento da mídia local – Folha de Londrina e Jornal de Londrina -, que noticiaram com rapidez as denúncias de caixa dois sobre o prefeito Nedson Micheleti em 2005, porém, poucos anos antes, em 1999, demoraram a noticiar as denúncias do escândalo Ama/Comurb do ex-prefeito Belinati. Ainda sobre o caso Belinati, além da demora dos jornais em levar os acontecimentos a público, quando o fizeram - principalmente a Folha de Londrina -, as matérias eram escondidas dentro do jornal, sem manchete ou chamada de capa. Conforme Kunczik, essa também é uma forma de valorizar ou não uma informação, pois “algumas notícias se convertem em matérias curtas, outras se tornam mais longas, o que nos permite determinar a

⁵⁷ KUCISNKI, In: A mídia nas eleições de 2006, p. 135.

⁵⁸ KUCISNKI, In: A mídia nas eleições de 2006, p. 133 – 134.

proeminência jornalística de uma matéria de acordo com sua localização, título ou comprimento”.⁵⁹

De acordo com Ramonet, antigamente a imprensa denunciava abusos, prezava a verdade e fazia críticas ao governo⁶⁰. Atualmente e ao contrário de antes, as notícias são mercadorias, a imprensa é um veículo ideológico além de ser um agente político. No texto de Traquina, o autor apresenta teorias formuladas por estudiosos do Jornalismo, e, destaca a teoria estruturalista que é a teoria que “[...] defende a posição de que os valores-notícia dos membros da comunidade jornalística têm um papel ideológico central na reprodução da ‘ideologia dominante’”⁶¹. Sendo assim, o Partido dos Trabalhadores, que não é visto com bons-olhos pela classe dominante, foi noticiado com freqüência pela mídia local, já o Belinati, foi poupado.

Na época, Belinati ainda fazia parte do Partido da Frente Liberal (PFL) – atual Democratas -, e de acordo com Silveira, neste caso não foi o partido poupado, pois o poder público da época era grande e os veículos de comunicação locais dependiam da verba publicitária do governo. Conforme o autor:

Belinati soube manusear bem essa dependência das empresas jornalísticas [da verba publicitária] até porque, sabe-se, através de comentários nos bastidores da imprensa, que há casos de empresas londrinenses que tinham um percentual importante do faturamento vinculado à publicidade oficial na segunda metade da década de 90. [...] mesmo com o forte esquema montado para silenciar a imprensa, consistido em cooptação e corrupção de jornalistas e manejo político das verbas publicitárias – boicotando veículos que não aceitassem o silêncio com relação a irregularidades e erros administrativos -, foi impossível manter a imprensa calada durante todo o tempo.⁶²

A análise da cobertura jornalística de movimentos sociais dos estudiosos Olien, Tichenor e Donohue é citada por Traquina e complementa a discussão referente ao Jornalismo estar, por muitas vezes, submetido a poderes ao invés de atuar como contrapoder:

⁵⁹ KUNCZIK, 2002, p. 240.

⁶⁰ RAMONET, 1999, p. 42.

⁶¹ TRAQUINA, 2001, p.115.

⁶² SILVEIRA, 2004, p. 124 – 125. Texto acrescido pela autora.

Os mídias não servem de cães de guarda de um público em geral mas em primeiro lugar como cães de guarda de interesses poderosos e de valores dominantes. A reportagem inicial de um contramovimento no sistema será geralmente cética, se não hostil, e o problema será definido de acordo com as suas ramificações para as relações de poder existentes.⁶³

Ainda segundo Traquina, “nas teorias de ação política, os mídia noticiosos são vistos de uma forma instrumentalista, isto é, servem objetivamente a certos interesses”⁶⁴, ou seja, nada mais são que deformações metódicas a serviço de interesses políticos de determinados agentes políticos.

De acordo com Ciro Marcondes, “informa-se, portanto, sobre o que se quer”⁶⁵. Selecionar o que a empresa jornalística quer que seja levado ao conhecimento público através de seu jornal é informar apenas aquilo que, por algum motivo, a interessa. “A imprensa, nesses tipos de sociedade, é um palco débil onde são representados interesses e propostas de setores e grupos significativos política, cultural e, acima de tudo, economicamente na sociedade”⁶⁶, complementa o autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As denúncias de irregularidades contra Belinati no caso Ama/Comurb não foram noticiadas segundo os critérios de seleção de notícias e valores informativos que orienta a conduta dos jornalistas e das empresas jornalísticas. Já na denúncia de caixa dois do prefeito Nedson a imprensa agiu corretamente - mesmo que movida pela antipatia dos jornalista pelo PT, afirmada por Kucisnki – pois cobriu um acontecimento que, assim como do caso Belinati, é de interesse público.

Pode-se argumentar que a mudança de comportamento da imprensa no caso da denúncia de caixa dois contra Nedson Micheleti represente um amadurecimento da imprensa, que teria “evoluído” com o episódio ocorrido seis anos antes. No entanto,

⁶³ Apud TRAQUINA, 2001, p. 125.

⁶⁴ TRAQUINA, 2001, p. 80.

⁶⁵ MARCONDES, 1986, p. 99.

⁶⁶ MARCONDES, 1986, p. 139.

esse comportamento da imprensa local não significou um amadurecimento democrático provocado pelo processo anterior.

Tal argumento não se sustenta: dois anos após a cobertura das denúncias de procedimento irregular na campanha para prefeito de Nedson Micheleti, a imprensa local se calou novamente diante de uma denúncia de irregularidades do Ministério Público sobre os Irmãos Muffato e a própria administração de Micheleti. O grupo Muffato - que possui uma rede de supermercados em Londrina e inaugurou sua quinta loja em março de 2007 - tem grande participação na renda publicitária da imprensa local pois, quase que diariamente, faz anúncios nos jornais impressos, além de outros veículos. O caso foi objeto de nota divulgada pelo Sindicato dos Jornalistas de Londrina (ver anexo B). Contudo, embora tenham sido feitas denúncias de funcionamento ilegal do mercado inaugurado, a imprensa da cidade nada noticiou.

Por meio da comparação do modo como as denúncias sobre as irregularidades no governo do ex-prefeito Antonio Belinati e do prefeito Nedson Micheleti foram divulgadas na imprensa local – Folha de Londrina e Jornal de Londrina - foi possível verificar que a mídia trata de forma diferente assuntos semelhantes. No entanto, isso não ocorre por acaso, mas sim porque nem a empresa jornalística e nem os jornalistas estão livres da pressão de servir aos interesses políticos e econômicos, contrariando os critérios de seleção de notícias e valores informativos, em razão de estarem submetidos à notícia caracterizada de uma sociedade de classes.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex, (orgs.). *Jornalismo e Literatura. A sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2005.

KUCISNKI, Bernardo. *O antilulismo na campanha de 2006 e suas raízes*. In: LIMA, Venício A. De (org.). *A mídia nas eleições de 2006*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2007.

KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo: Norte e Sul: Manual de Comunicação*. Tradução Rafael Varela Jr. São Paulo: Edusp, 2002.

MARCONDES Filho, Ciro. *O Capital da notícia – Jornalismo como produção social da segunda natureza*. São Paulo: Ática, 1986.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

RAMONET, Ignácio. *A tirania da comunicação*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1999.

SILVEIRA, Fábio. *Imprensa e política. O caso Belinati*. Londrina: Humanidades, 2004.

SUMMA, Giancarlo. *Os donos da agenda. Carta Capital*. 6 de junho de 2007, ano XIII, nº447.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

